

TIAGO REBELO

*UMA NOITE
EM NOVA IORQUE*

ASA

*A felicidade é quase sempre uma
irresponsabilidade. Somos felizes
durante os breves instantes em que
fechamos os olhos.*

José Eduardo Agualusa

Se a vida fosse perfeita, ou melhor, se a vida fosse justa, provavelmente não lhe chegaria uma, teria precisado de duas, pensou Filipe. Tinha o mundo a seus pés, literalmente. Sentado a uma mesa do bar, no último piso do hotel, quarenta andares acima da rua, voltou a cabeça para a direita e descobriu o seu rosto, a centímetros, na janela panorâmica. Viu uma expressão melancólica reflectida no vidro. Era uma noite de Dezembro em Nova Iorque e, apesar do ambiente obscuro do bar, as lâmpadas fracas que pontuavam por cima do balcão circular, à sua esquerda, bem como a luz mortíça que atravessava o *abat-jour* lacado em azul-de-metileno, eram suficientes para o impedir de ver claramente os riscos luminosos das ruas traçadas à régua, cruzando-se e formando quadrados até ao fim de Manhattan, até ao buraco onde antes despontava o World Trade Center e agora havia o Memorial Site, até ao rio Hudson. Não vislumbrou a cidade, viu-se a si próprio. Sorriu, um reflexo da alma. A graduação dos óculos leves, discretos, aumentara acentuadamente ao cair dos quarenta – antes disso, quase não os punha – e o cabelo, já ralo, usava-o muito curto. Em contrapartida, tinha

a mesma cara de sempre, sem rugas, e nem se podia dizer que estava a envelhecer bem, pois, de aspecto, não estava a ficar mais velho. Vinte anos antes chegara a deixar crescer a barba, angustiado por ninguém o levar a sério. Agora não tinha barba e não havia maneira de convencer uma única pessoa dos seus quarenta e nove anos a poucos minutos dos cinquenta.

Uma gargalhada abafada pelas paredes almofadadas do bar e pela alcatifa espessa azul-escura chamou-lhe momentaneamente a atenção para quatro executivos de copo na mão, sentados três mesas à frente, a fazer um brinde. Festejavam um negócio fechado, certamente. Um empregado hispânico, apurmo na cerimónia de um colete às riscas, preto e grená, aproximou-se da sua mesa com uma garrafa de *scotch* e um pequeno balde de gelo numa bandeja prateada.

– *One more*, Mister Passos?

– *Why not?* – concordou ele, a pensar, *porque não, se vou de elevador para o quarto?*

O empregado, jovem, serviu uma dose dupla pelo preço de uma, cortesia de uma discreta e respeitosa cumplicidade com o cliente. Há três dias que ele acabava a noite ali sentado, naquela mesma mesa, com o computador portátil aberto, embrenhado nos últimos capítulos de uma história que estava a escrever.

– *Un poco de ielo, por favor.*

– *Como no. Dos piedras, verdad?*

– *Si, gracias, Esteban.*



O empregado afastou-se, Filipe deu um gole na bebida, pousou o copo na mesa, tirou um cigarro do maço, acendeu-o,

recostou-se na cadeira, concentrado no ecrã, encheu os pulmões de fumo, sentiu o consolo do cigarro sem lhe pesar na consciência. Soltou uma baforada de fumo ainda a olhar para o computador, suspirou de satisfação, chegou-se à frente, carregou na tecla do ponto final da derradeira frase.

Pensou em Isabel. Um dia, já lá iam oito anos – o tempo corria, o tempo curava, dizia-se, apaziguava a angústia dos momentos dolorosos, mas, sabia-o pela sua própria fatalidade, não corrigia os erros de uma vida –, um dia ela pedira-lhe para lhe escrever uma história. Lembrava-se exactamente de onde estava, na rua, encostado a um carro estacionado junto ao passeio, de telemóvel na mão. Fazia sol, era Verão. Filipe desvalorizou o pedido, disse uma piada qualquer, ela não gostou, o momento passou. Ele entendeu o pedido como um capricho dela, não lhe deu importância, mas, evidentemente, ela não lhe pedia uma história mas uma demonstração de amor. Percebeu isso muito depois, quando caiu em si à uma da tarde de um dia solitário, no escritório de uma sala só, arrendada ao mês, onde as horas fluíam a escrever os livros que, num futuro não muito longínquo, acabariam por se vender pelo mundo fora. Era apenas uma alcatifa gasta, uma secretária de madeira vulgar, o computador, uma cadeira confortável e arranha-céus de livros a crescer pelas paredes porque nunca se incomodara a comprar uma estante. As salas contíguas eram arrendadas a jovens universitários que davam explicações a estudantes mais novos em sessões contínuas pagas à hora a partir do final da tarde. Até lá o andar inteiro ficava mergulhado num silêncio conventual e à sala de Filipe, no primeiro piso, chegava o rumor pacato da rua: o calcorrear dos saltos nas calçadas, as conversas indistintas, o movimento incessante dos automóveis.

Filipe ainda se lembrava de Isabel todos os dias à uma da tarde, não por um qualquer delírio de escritor sonhador, mas por ser a hora de chegar ao escritório e telefonar-lhe. Já não o fazia, mas ainda sentia o sobressalto das treze em ponto, qual lembrete incorrigível do espírito. Sentia uma súbita alegria e logo a consciência do vazio, como um murro no estômago.



O escritório tinha uma pequena varanda e portadas em ripas de madeira, a fazer lembrar os trópicos naqueles dias abafados de Outubro em que vinha uma bátega súbita e, sem mais, afogava as viúvas idosas nas suas próprias cozinhas, nos bairros de casas típicas escalavradas pelas intempéries mais arrasadoras.

Naquele dia escaldante e húmido, trajado de nuvens baixas e carregadas, Filipe foi assaltado como sempre à uma da tarde pela urgência de telefonar a Isabel. Nesse momento, uma trovada estourou como se fosse na sala e um dilúvio de quinze minutos passou por ali. Filipe, atordoado, levantou-se da cadeira e foi à janela espantar-se com o espectáculo das águas. Lá em baixo, no aperto da Rua de São José – onde os carros e os peões se cruzavam por milagre, uns a descer para a Baixa, os outros a subir para o Marquês de Pombal –, um rio espontâneo tomou conta da via e uma correnteza capaz de arrastar uma vida trepou pelos passeios exíguos. Espreitou pelas portadas entreabertas, viu umas pernas de mulher debaixo de um guarda-chuva vermelho a lutar com o temporal. Acendeu um cigarro, momentaneamente distraído a fantasiar uma história para aquela imagem que lhe espicaçava a imaginação. Depois, como um pis-

car de olhos, a imagem desvaneceu-se e voltou a pensar em Isabel. *Devia ter-lhe escrito uma história*, censurou-se, *devia ter feito tantas coisas...* Ocorreu-lhe uma ironia: era um famoso escritor de histórias de amor e não conseguira salvar o seu romance com a mulher da sua vida. A chuva começou a alastrar pela alcatifa e a salpicar-lhe os sapatos, mas Filipe, imerso numa perplexidade, não reparou na poça a seus pés.



Separaram-se dois anos e um mês depois de se conhecerem. Não se separaram como se separavam os casais convencionais, pois não eram casados, nem sequer viviam juntos. Conheceram-se na feira do livro de Lisboa, ele sentado a uma mesa a dar autógrafos, ela na fila à espera com um livro na mão. Filipe acabou de assinar um livro e devolveu-o a uma senhora demasiado entusiasmada que não se calava. Já lá iam duas horas de assinaturas, mas nem por isso lhe falhava a tolerância e o bom humor. A mulher falava e falava e Filipe desligou do palreio enfasiante sem desmanchar o sorriso e assentindo várias vezes ao que ela continuava a dizer. Espreitou para trás dela e prendeu-se na jovem à espera, aguardando logo a seguir na fila. Um vestido florido em tons laranja esvoaçava-lhe sobre as pernas bonitas e cruzava os braços com o livro apertado contra o peito. O cabelo era curto, castanho-claro, os olhos observadores fixaram-se nos dele. Ele abriu-lhe os seus e sorriu, numa resignação divertida, como a dizer *a mulher não se vai embora, que hei-de fazer?* Ela devolveu-lhe o olhar, cúmplice, fez uma cara engraçada, um sorriso de lábios comprimidos, um arquear de sobrancelhas, um encolher de ombros. Filipe apoiou a cabeça na mão,

esperando o fim da tagarelice da senhora, ocupada a arrumar o livro na carteira enquanto dizia qualquer coisa sobre ter tido uma vida parecida com a história do livro. Ele rolou os olhos, esforçando-se para não se desmanchar a rir. A jovem achou-o cómico, pensou *é maluco!*, deliciada com a atitude ostensivamente divertida dele, a gozar com a situação.

A mulher foi-se, ela deu um passo em frente, ele disse em tom de confiança uff... estava a ver que não me largava. Ela riu-se, ele convidou-a a sentar-se na cadeira livre ao seu lado. Recebeu o livro das suas mãos e pediu-lhe o nome.

– Isabel – respondeu.

Filipe reparou que ela era bonita, observou-a dissimuladamente mas com atenção. Tinha uns olhos vivos, atentos, que a tornavam encantadora.

Ele hesitou a rabiscar o autógrafo, a pensar numa desculpa de recurso para não a deixar ir-se embora.

– Qual é a sua condição? – perguntou-lhe, não lhe ocorrendo mais nada.

– Como? – atrapalhou-se ela.

Filipe riu-se com o seu embaraço.

– A sua condição? Casada, viúva, solteira...

– Divorciada – disse, sentindo-se a corar. – Quase.

– Quase divorciada?

– Só à espera do papel.

– Ah, o papelinho é muito importante.

– Quando se tem filhos, é.

Olhou para ela com a cabeça de lado, observando-a com mais atenção, surpreendido. Não a via com filhos. Devia ter uns dez anos menos do que ele, talvez até um pouco mais, estaria nos trinta, trinta e um?

– Quantos filhos?

– Uma.

Filipe assentiu com a cabeça e assinou o livro com letra firme. Devolveu-lho, resignado.

– Obrigada – agradeceu Isabel, já a levantar-se, esticando-lhe a mão. Ele ofereceu-lhe a sua e, antes de a largar, teve uma inspiração.

– Faça-me um favor – pediu-lhe. – Quando acabar de o ler, envie-me um *mail* com a sua opinião. O endereço está no livro.

– Combinado – concordou ela.

– Promete?

– Prometo.

Meia-noite e meia. Deitada na cama de olhos abertos no escuro, Isabel cismava, perturbada por uma espiral de problemas novos. Agora estava oficialmente divorciada e começava a cair em si. Divorciada, a trabalhar sem parar e responsável por uma criança. O marido fora-se e ela ficara sozinha para dar conta do recado, sem ajuda, com pouco dinheiro. Sentiu uma pontada de pânico, os olhos enevoaram-se de lágrimas, as mãos arrepanharam os lençóis por cima do peito. Distendeu os dedos crispados, limpou as lágrimas com as costas da mão, recompôs-se. Confortou-se com a certeza de haver milhares de mulheres num beco igual ao seu, e todas elas se levantavam de manhã, levavam os filhos à escola e iam trabalhar. Ela faria o mesmo, pensou, e um dia voltaria a ser feliz.

A separação não fora fácil – nunca era –, fora dolorosa e amotinada por ressentimentos vários. Tinham-se casado três anos e dois meses antes, após um namoro abreviado pela gravidez acidental e pelo deslumbre de Isabel, entusiasmada com a ideia de se casar com um homem elegante e bem-sucedido na vida. Rui era filho de um empresário de pronto-a-vestir, cujas

fábricas produziam para várias marcas estrangeiras. Trabalhava com o pai e vivia em trânsito entre Lisboa, Madrid, Paris e Nova Iorque. Ele era, em suma, tudo o que Isabel sonhara.

Tiveram um casamento faustoso num salão de hotel – o empresário fez questão – e uma lua-de-mel no paraíso, em Bali.

Mudaram-se para um apartamento espaçoso, um rés-do-chão com jardim, onde levavam uma vida harmoniosa. A criança nasceu seis meses depois.



Não conseguia dormir. Deu consigo na sala em pijama, sentada no sofá a olhar para a televisão, de comando na mão a saltar de canal em canal, a fugir das tele vendas, sem som para não acordar a filha. Acabou por desligá-la. Tirou os pés descalços do chão e acomodou-se mais confortavelmente com as pernas dobradas junto ao corpo. Agarrou distraída no livro autografado, esquecido há mês e meio na mesinha ao lado do sofá. Não tivera vontade de o ler, não tivera cabeça para ler coisa nenhuma. Pôs os óculos que usava para ler e lhe escorregavam para a ponta do nariz pequeno. Folheou o livro sem entusiasmo, a recordar-se do autor e da sessão de autógrafos. Nunca lera nada dele, só comprara o livro porque gostara de outro com um tema semelhante. Não sabia bem o que pensar de Filipe Passos. Achara-o desconcertante, daquelas pessoas cheias de autoconfiança, arrogante até, mas ainda assim, havia que reconhecê-lo, um convencido divertido. Abanou a cabeça a sorrir consigo mesma, a interrogar-se quem é que, no seu perfeito juízo, perguntava a uma desconhecida qual era a sua condição.



Pensou que sentia falta de se rir, que isso não acontecia há muito tempo. A felicidade não passara de uma ilusão, a vida que Isabel planeara não se concretizara. Conheceu Rui num cinema, quando saía da sala na companhia de uma amiga e do namorado desta. Encontraram-no no corredor cheio de gente. O filme tinha sido bom e as pessoas iam bem-dispostas e tolerantes, a comentar a história, sem pressa. Isabel distraiu-se com os seus pensamentos, quando reparou que a amiga e o namorado falavam com alguém que seguia ao lado deles. Era um tipo alto e esguio, vestido com um fato moderno de corte exemplar, sem gravata, usava barba rala e o cabelo curto penteado para trás. Mais à frente, pararam no átrio a conversar e Isabel ficou ali meio pendurada, porque os amigos não se deram ao trabalho de a apresentar ao desconhecido bem-parecido, de rosto anguloso e olhos escuros. Ele disse uma piada sobre ter a impressão de que, hoje em dia, vivia num *jet-lag* permanente e ela viu-se a esboçar um sorriso forçado só para acompanhar os outros, embora se sentisse excluída da conversa. Mas, subitamente, como que notando a sua presença, ele sorriu directamente para Isabel e ela, apanhada desprevenida, sentiu-se corar com a intensidade daqueles olhos, inesperadamente penetrantes, pousados nela. Fez-se um silêncio e Isabel teve a estranha sensação de se ter estabelecido uma ligação directa entre os dois, como se os outros estivessem ali a mais. Então, ele quebrou o silêncio, entrecortado pelo rumor de conversas longínquas no átrio, e disse-lhe sou o Rui. Ela, mais uma vez surpreendida, respondeu-lhe sou a Isabel, mas a sua voz saiu-lhe embaraçosamente embaraçada, como se fosse uma menina envergonhada. O casal trocou

um olhar espantado sem eles darem por isso, depois a amiga de Isabel disse qualquer coisa e o momento passou. Rui despediu-se deles passados dois ou três minutos, dizendo que tinha pessoas à espera, e foi-se embora.



Uma semana depois de o ver no cinema, Isabel esbarra com ele à saída da casa de banho de um bar.

– Olá – diz ele. – Isabel, não é?

– Oh, olá. Sou – responde ela, admirada por o encontrar e ainda mais por se lembrar do seu nome.

Ela está com amigas, sem namorados, é noite de raparigas, ele conversa num grupo animado, ambos em lados diferentes do bar, mas os dois discretamente atentos ao que cada um faz. Ele vigia pelo canto do olho, ela faz o mesmo. Ele a pensar que quer falar com ela, ela a desejar que ele vá ter consigo. Isabel já bebeu duas vodcas com Coca-Cola e sente-se descontraída, divertida, desafiadora. Apetece-lhe seduzir, deixa que ele a veja a observá-lo, sorri quando os seus olhos se encontram através da sala, pelo meio de um momentâneo corredor de cabeças, entre uma multidão de gente alegre que conversa, rodas de grupos que ocupam o espaço, enchendo o ambiente de fumo de cigarros.

Rui aproxima-se dela e mete conversa. Ela está junto ao balcão do bar, ele aparece por detrás e pergunta-lhe o que está a beber. Vodca com Coca-Cola, responde-lhe. Ele acerca-se do balcão, chama a atenção do empregado, apertado entre outros clientes, e, ao voltar-se novamente, tem dois copos na mão. Oferece-lhe um. Ela aceita-o, sorri. Não era preciso, diz. Era, era, replica ele, a rir-se. Tocam os copos, fazem uma saúde, começam

a falar e depressa descobrem que a conversa flui facilmente, que se entendem, gostam da companhia um do outro e se divertem juntos. O tempo passa sem darem por isso e, uma hora mais tarde, quando as amigas dela lhe dizem que se vão embora, Rui oferece-se para lhe dar boleia, mas Isabel recusa. Tenho de ir, afirma. Tenho pena, diz ele. Eu também, responde ela, mas já é tarde e amanhã acordo cedo.

Ele fica a pensar que quer voltar a vê-la, ela sai do bar a pensar que seria fácil apaixonar-se por ele, se não tivesse namorado.

